



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Diário de Abuxarda (2007-2009)

Marcello Duarte Mathias

Para citar este documento / To cite this document:

Marcello Duarte Mathias, "Diário de Abuxarda (2007-2009)", *Colóquio/Letras*, n.º 172, Set. 2009, p. 182-197.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Diário de Abuxarda

2007-2009

MARCELLO DUARTE MATHIAS

2007

Tenho estado a folhear o Dicionário de Oxford¹ referente a frases feitas, expressões populares, provérbios, etc. Grosso volume de cerca de 500 páginas, contém mais de 1000 entradas.

Não encontrei uma única citação de autor ou político português.

A periferia geográfica acarreta a periferia cultural, e esta o ostracismo.

•

Valorizar o inimigo é minimizar a nossa derrota.

•

Das Amoreiras ao Chiado, a pé.

Em Portugal, a pobreza anda enrugada na cara das pessoas.

A pobreza é a nossa fealdade.

•

Ritmos e cadências por entre a sucessão dos dias, semanas e meses.

A vertigem estática ou os paradoxos da idade: o tempo em *acelerado-parado* à nossa volta.

Por força da vertiginosa aceleração da História que se inicia em princípios do século xx, todas as gerações nascidas a partir de então foram sucessivamente contemporâneas de várias épocas.

Daí se sentirem órfãos de todas elas.

Abuxarda, segunda-feira, 26 de Fevereiro

O filme *O Grande Silêncio* do alemão Philip Gröning, realizado na Grande Cartuxa, casa-mãe da congregação religiosa, situada nos arredores de Grenoble no sopé dos Alpes franceses. Gröning viveu seis meses no convento partilhando com os monges, a seu lado, o ritmo de suas vidas por entre celas, claustros e jardins.

O documentário é excessivamente longo (cerca de duas horas e meia), porventura deliberadamente longo com o fim de levar o espectador a penetrar, pouco a pouco, no rigor e desprendimento que é o ritual quotidiano da clausura monástica. Mundo do mutismo e da renúncia pautado por preces e cânticos. De tudo nos despojarmos para nos apresentarmos desarmados perante Deus. Sacrifício e oferenda. Suprema humildade, ou supremo orgulho? Sim, pergunto-me: que salvação é esta que se isola e, ao isolar-se, ignora o sofrimento dos outros?

Tenho para mim que a fé cristã deve ser caridade e presença. Por isso, me lembrei sempre das *irmãs* que visitei algures em pleno descampado angolano, a sul de Luanda, no Verão de 1973, responsáveis por uma leprosaria. Aí, frente à inominável desgraça alheia, vingavam os deveres da entrega e da devoção: a mão estendida, o coração aberto, o sorriso certo, a bondade feita ternura — coisas que não têm preço. Estar, saber estar, é a verdadeira compaixão. Porque a fé deve aproximar e não segregar, iluminar e não cegar.

Dir-me-eis: são numerosas e diversas as expressões da fé. Decerto, mas não é proibido ser-se mais sensível a umas do que a outras.

O Grande Silêncio — magnífico e assustador.



Uma Ideia da Índia, ensaio de Alberto Moravia que por lá andou em 1961 com Elsa Morante, sua mulher, e Pasolini, o cineasta.

Ver, comparar, analisar. De relance, muita coisa bem observada.

Saber olhar é a definição dum escritor.

Abuxarda, segunda-feira, 5 de Março

As Vidas dos Outros, que obteve este ano o Óscar do Melhor Filme Estrangeiro, do alemão Florian Henckel von Donnersmark, de que ouviremos falar daqui em diante. Tem apenas 33 anos e esta é a sua primeira longa-metragem.

Ainda esta semana li dois bons artigos que lhe eram consagrados, um do Rodrigues da Silva, no *Jornal de Letras*, e outro de Anthony Lane no *New Yorker* de Fevereiro.

O filme reproduz o clima deletério vivido na ex-República Democrática Alemã, dominada pela célebre *Stassi*, a polícia secreta, que dava emprego a cerca de 170 000 agentes, sem contar com os bufos e outros colaboradores ocasionais que em torno dela gravitavam. Uma sociedade inteira debaixo de olho, que se espia e é espiada, vítima dessa paranóica vontade milimétrica de tudo fiscalizar, censurar, uniformizar, própria dos regimes totalitários. Daí o lado baço, asfixiante, previsível, monótono quase, dessa morte em lume brando que é o de todas as ditaduras. Destino trágico, o da Alemanha!

Por fim, para lá de tudo e a despeito de tudo, o que redime os homens, e também isso é aqui enunciado, está nessa réstia de luz esquecida no fundo do coração, que teima em não morrer e, por vezes, lhes ilumina o caminho...

•

Ainda a propósito de *As Vidas dos Outros*.

O próprio de qualquer censura política é o excesso de zelo. Por uma razão simples: ninguém jamais será repreendido por ter ido longe demais.

Ao invés, ai do manga-de-alpaca que, por inadvertência ou ignorância, deixa passar o que não deve!

Assim sendo e assim é, o censor, à cautela, risca, corta, elimina. Garante o emprego e ninguém lhe vai às unhas.

Abuxarda, terça-feira, 27 de Março

Tem-se apenas o tempo de um almoço para ajuizar do interlocutor e do bem fundado da sua proposta.

À falta de outros indícios, avalia-se o que está à vista: o aperto de mão, o olhar, a configuração do rosto, o modo de se exprimir, a aparência física, a tonalidade da voz. As linhas de fuga e as linhas de força. A visão de conjunto com as suas simetrias e dissonâncias.

Pouco a pouco, à maneira de um esboço, lá se vai desenhando o perfil do modelo em aproximações sucessivas. Opacidades e sombras, brilhos e arestas. Aqui, talvez, um excesso de energia, ou um gesto a mais — a vaidade e as suas fissuras. Mais adiante, quiçá, uma ausência de cor.

O lápis desliza agora com mais facilidade, segue novos contornos, retém-se uns instantes, hesita (todo o desenho é uma reflexão), volta a sublinhar o que já fora delineado. O pano de fundo em claro-escuro vai-se tornando cada vez mais claro... Fascinante processo mental este o da leitura dos outros!

Entre a sobremesa e o café, o essencial do retrato está concluído, formada a nossa opinião, pronta a nossa resposta.

Abuxarda, terça-feira, 3 de Abril

Coisas vistas. Anda a mendigar pelas ruas de mochila às costas, carregado de sacos de plástico. Preso por uma gaita, à laia de corrente, segura um pequeno gato preto encavalitado em cima dos ombros, à maneira dos macacos. Se calhar em dias de chuva, enfia-o na mochila.

Vasculham juntos o lixo dos contentores, depois lá vão passeio fora, por entre o trânsito (onde vivem? longe daqui?), o bichano todo arqueado em desequilíbrio lá em cima, e ele a arrastar o passo como se não tivesse para onde ir... Imagem digna do *Amarcord*, de Fellini.

Não é uma relação afectiva a destes dois, é uma associação de comparsas.

Abuxarda, sexta-feira, 6 de Abril

Relendo em diagonal os três pequenos volumes do diário do João Palma-Ferreira.

Quando adopta um tom natural, é legível e diz coisas acertadas.

Ao invés, quando arma ao pingarelho, género intelectual português de sobrolho carregado, torna-se ilegível.

•

Saber escrever: ser-se simples sem ser pobre.

Aliar no mesmo movimento lucidez e emoção. Aclarar e aprofundar.

Procurar o ponto de equilíbrio. E mantê-lo.

Também escrever é uma arte de viver.

•

Árvore arrancada à terra.

Tempestade morta.

•

As várias dimensões da escrita diarística, ou os limites da autenticidade confessional. O que nos dói, mói e corrói, fica fora destas páginas. E delas não constará.

Abuxarda, quinta-feira, 5 de Maio

Almoço na embaixada de Espanha em honra de Bernardino Ósio, secretário-geral da União Latina. Somos pouco mais de meia dúzia com a Renée e o Bernardino Gomes.

Lindo este Palácio da Palhavã com a sucessão de grandes salões de pé direito altíssimo, a beleza do soalho desenhado em caixilhos, as tapeçarias, as portas que abrem para o extenso relvado do jardim sombreado de árvores.

O embaixador, que é catalão, exprime-se razoavelmente em português e esforça-se por ser simpático.

O difícil quando se é diplomata, e se vive em residências destas, é ter suficiente envergadura pessoal para não destoar do meio ambiente. Não dar a impressão que se está ali a mais, ou por mero acaso.

Porque o mais frequente é o jaquetão ficar-nos comprido nas mangas...

•

Jantar em casa da Maria João e do Francisco van Zeller. Somos cerca de uma dezena à volta da mesa.

Principal tema em debate: a prestação ontem à noite da Segolène Royal frente ao Nicolas Sarkozy. O aprumo e a elegância aliada à combatividade, sem a menor aparência de cansaço apesar de semanas de uma campanha extenuante.

Nós, portugueses, ficamos sempre admirados perante o profissionalismo alheio, que não deixa margens à improvisação.

•

X. só raciocina por adversativas. É alérgico a toda e qualquer afirmação.

Lembra um despadrado que nunca teria sido padre. Uma coisa assim, incompleta, tolhida logo à partida. Semelhante àqueles intelectuais de esquerda que toda a vida se sentiram órfãos por nunca terem tido a ousadia de ser comunistas.

Quarta-feira, 23 de Maio

Em Ponte de Lima, perto de um arco da ponte, a Anne-Marie faz-me notar um extraordinário conjunto de hortênsias. Molhos de vários matizes entre o azul e o roxo. Do azul-claro ao roxo-rosado.

Beleza alheia ao desgaste do tempo que por inteiro sempre se renova. Ínfima fragilidade das pequenas coisas esquecidas ou a demorada aprendizagem da contemplação.

Vigo, quarta-feira, 23 de Maio

Magna exposição da Tamara de Lempicka na Fundación Caixa Galicia, que junta mais de 40 trabalhos entre desenhos e óleos. [...]

Dito isto, não dissocio nem quero dissociar a obra da autora, tão íntima se me afigura a relação entre ambas. De resto, numerosas são aqui as fotografias da pintora em diferentes fases da sua vida.

Sempre aqueles olhos alongados, separados um do outro, lembrando olhos de máscara; sempre aquelas poses de mulher fatal de pálpebras pesadas, coberta de jóias e chapéus, com o cigarro na ponta dos dedos de luvas pretas de canhão alto; sempre o farto cabelo loiro ondulado descaído, ou, então, repuxado para trás, preso na nuca; a boca excessivamente pintada, a testa ampla, a brancura translúcida da pele (que se adivinha macia) — misto de Greta Garbo e de Evita Perón. Tudo em tons fulvos, tudo imensamente anos 20 e 30. *La donna d'oro*, assim a chamava D'Annunzio com quem ela teve uma relação tão breve quanto infrutífera.

O que mais surpreende nestes quadros de grande porte é a virulência intacta das cores. Destacadas, visíveis, omnipresentes. Intactas na sua impetuosidade, se assim me posso exprimir, pois recortam a tela na totalidade.

É o Grão-Duque Gabriel Constantinovitch arvorando o seu magnífico uniforme escarlate de alamares dourados, grã-cruz e luvas brancas; é Tadeusz, seu marido, num imenso sobretudo em tons negros; é o marquês d'Afflitto envergando um fato azulão de um azul inverosímil; é o marquês Sommi Picenardi, enquadrado por uns chumaços descomunais, que mais parece um travesti pela pose esquiva, cabelo alisado pela brilhantina, olhar ausente e gesto amaneirado da mão; é a senhora Allan Bott, em posição reclinada, cujo leve vestido transparente lhe descobre as pernas à maneira daquelas antigas combinações de rebordos rendilhados que se ficavam pelo joelho.

Só faltam a Zelda e o Scott Fitzgerald nesta galeria de mundanos tresmalhados — cortejo de sombras a passar... — que chegaram tarde ao último baile. Deixaram o *smoking* pendurado no armário com bolas de naftalina nos bolsos, mas ainda apanharam o último comboio. Onde? Em Cracóvia ou Bucareste? Sim, vieram de longe e perderam muito pelo caminho, conservando, contudo, a mesma elegância um nada displicente, pois os velhos hábitos tardam a morrer e a boa educação é uma segunda natureza. Estão sem estar, apátridas entre duas fronteiras. Ah, a Europa para lá do Danúbio!

Outro aspecto que, de igual modo, sobressai é o frémito de sensualidade que perpassa por tantas destas telas, confirmando que a energia sexual é parte da energia criadora. Pintar é também um acto amoroso.

Lésbica assumida, e conhecida nesse meio, Tamara de Lempicka gosta de pintar mulheres, sobretudo mulheres nuas, e quere-as juntas, volumosas, envolventes, seios redondos e ancas largas, quase disformes de tão carnisais. Aqui e ali, subjugadas, acorrentadas, cativas, lembrança de outras poses e prazeres, já que todo o erotismo, lúcido delírio, é encenação. Vassalagens e castigos. Neste campo, desenganem-se, não há ficções ou disfarces.

No fundo, pinta-se a si mesma, recriando o seu auto-retrato no retrato das outras, que também são ela. No gosto de as dominar e partilhar. No culto do interdito. No que pinta e no que ficou por pintar.

•

Por volta de 1980, referindo-se à Europa, Ionesco dizia: «A cultura une os homens, a política separa-os.»

Receio bem que se Bruxelas teimar em unir os homens contra sua vontade, estes encontrarão nas respectivas culturas nacionais os únicos espaços de liberdade. A cultura como refúgio e não como ponte. O contrário do que deveria ser.

•

Lá está ele todos os dias, à beira do passeio, com um largo cesto cheio de flores, em frente ao supermercado.

Vende-as como quem pede esmola, tornando-as murchas antes de tempo...

Abuxarda, quarta-feira, 1 de Agosto

O cinema de luto. Morte dos cineastas Ingmar Bergman e Antonioni, e do actor francês Michel Serrault.

Bergman tinha uma faceta simpática: a paixão e o fascínio pelas mulheres de que a sua obra é eloquente testemunho. Nunca se cansou de as celebrar.

Paixão e fascínio por tudo aquilo que elas são, por tudo o que assimilam e traduzem, por tudo o que apreendem e relacionam: a inteligência das situações e a força de carácter, o instinto aliado à intuição, a paciência e a tenacidade, a coragem extrema e a extrema compaixão, a doçura dos gestos e da voz, esse afagar do coração, esse dom do olhar — são tantas as formas criativas da beleza feminina! —, a ternura e o imenso pudor da ternura, a muda capacidade de

sacrifício e sofrimento mas também o de saber curar feridas — estar sem exigir, sem interrogar, sem abandonar, sem submissões tão-pouco. Assim, hora a hora, por dias ou por anos.

Enfim, essa virtude que só as mulheres possuem de assumir por inteiro a totalidade da vida humana.

Ainda Bergman. Gosto daquela imagem da Morte, toda trajada de negro n’*O Sétimo Selo*, a jogar xadrez numa praia deserta ao fim do dia. Calhou-lhe em sorte ficar com as peças pretas. Azar?

Quem terá ganhado a partida? Já não me recordo e pouco importa, o resultado final conhecemo-lo nós de antemão.

Antonioni: um sentido italiano da beleza envolto numa roupagem aristocrática; uma justeza da emoção, que se quer contida; um mundo de reflexos a contraluz, à maneira oblíqua de certos pintores; o lado nocturno que, em nós, permanece desconhecido. Nevrose a que o perfil perdido de Mónica Vitti emprestava um fugidio esplendor.

[...]

Quanto a Michel Serrault, associá-lo-ei sempre àquele pequeno-grande filme admirável de Claude Sautet intitulado *Nelly et Monsieur Arnaud* de 1995.

Trata-se de um magistrado (Michel Serrault), já reformado, que dita as suas memórias a uma jovem secretária, interpretada então pela bonita Emmanuelle Béart, que ao tempo ainda não havia inchado a boca.

Pouco ou nada se passa entre eles, senão uma crescente e afectuosa cumplicidade — dele para com ela e dela para com ele. Cruzar de emoções em simultâneo, a despeito da diferença de idades. O filme é a imperceptível narração dessa história sem história. Até ao dia em que o juiz se reconcilia com a mulher, de quem andava desavindo, e decidem juntos comemorar o acontecimento, largando por largos meses numa volta ao mundo. A rapariga, essa, fica só e acaba por perder em toda a linha.

Tudo isto é desenhado a tinta-da-china: os perfis, os sentimentos, as situações.

A semana passada, pressentindo o fim, já em vésperas de morrer, Michel Serrault pediu que o levassem do hospital, onde se encontrava em Paris, até a sua casa em Honfleur, na Normandia, frente ao mar. Última morada, seu último palco.

Também eu quero morrer assim com as janelas do meu quarto abertas de par em par sobre a baía de Cascais, numa manhã de Verão...

Abuxarda, quarta-feira, 29 de Agosto

Veio agora a lume a correspondência da Madre Teresa de Calcutá, onde se evidenciam os tormentos da religiosa dilacerada pela ausência de fé! Interrogações que, aos meus olhos, só a engrandecem.

«Em relação a mim, o vazio e o silêncio são tão grandes, que olho e não vejo, escuto e não ouço», escreve ela em Setembro de 1979.

E assim terá vivido décadas com as trevas na alma. Que fazer? Seguir em frente? Ignorar o que somos em favor do que ambicionamos ser? Tudo abandonar de vez? No fim de contas, o que é mais fácil: crer ou o contrário?

Ténue, aliás, é a linha de fronteira entre crença e descrença, Deus e o abismo da sua ausência.

Em essência, a fé pertence ao domínio do milagroso. Começa e acaba aí. Não tem explicação, nem pode aspirar a tê-la.

[...] Seja como for, quem neste campo se pode orgulhar de certezas definitivas? Crer é querer acreditar. Acreditar é duvidar.

Abuxarda, terça-feira, 25 de Setembro

Coexistimos com gentes com as quais nada temos em comum, não partilhando da menor afinidade. Por circunstâncias diversas, deles não nos podemos separar.

Há casais assim.

•

O erro em considerar o cepticismo sinal de lucidez.

A verdadeira lucidez não será precisamente o contrário: tudo incorporar, incluindo o arrebatamento místico da paixão amorosa!

Viver em plenitude é ser-se plenamente lúcido!

•

O progressivo esvaziamento da memória por pedaços inteiros, à maneira de um prédio a desmoronar-se em câmara lenta, é, em si, um fenómeno tão intrigante como o seu contrário: a capacidade praticamente ilimitada que a memória tem de armazenar conhecimentos. A lembrar aquele magnífico provérbio chinês — «todos os rios vão dar ao mar e o mar não transborda».

Dito isto, perder a memória é, do mesmo passo, perder a saudade daquilo que se perdeu.

•

Viagens no scriptorium de Paul Auster.

Poderia ser uma peça de teatro. O cenário é minimalista, os diálogos também. O mesmo se dirá da ação que decorre entre quatro paredes. Escasso igualmente o número de personagens, pois tudo está centrado na figura principal, um tal senhor Blank, que nunca chegaremos a saber quem é.

Dissidente político encarcerado num asilo psiquiátrico? Intelectual detido por conivências partidárias? Paciente vítima de doença contagiosa? Velho incapacitado metido à força num asilo de idosos? Criador cercado pelos fantasmas que criou? Morto-vivo entre a mudez e a amnésia, à espera da morte definitiva?

Sim, quem é este velho isolado num quarto (que nem sequer se aventura a espreitar o corredor), sentado à beira da cama com o vazio à sua volta? Onde vem, e onde está ele afinal?

Retrato de uma inconciliável solidão que chegou ao fim e já nada mais espera. Solidão vazia como um remorso adiado e esquecido.

Mister Blank, ou o último quadro que Hopper se esqueceu de pintar.

Abuxarda, sexta-feira, 16 de Novembro

No Centro Cultural de Cascais, exposição do Manuel Amado que reúne coisas antigas e coisas de agora, por entre paisagens e naturezas-mortas.

Os trabalhos mais recentes, pintados já este ano, incluem uma série dedicada às férias nos meses de praia: barracas e toldos listados, extensões de areia que se alongam à beira-mar, paredes brancas, luz e sol.

Como sempre em Manuel Amado, a lisura luminosa da tela, a meticulosidade milimétrica do traço, o «ar limpo» destes quadros que respiram espaço a toda a volta, não conferem uma sensação de sossego ou de bem-estar. Antes pelo contrário, lembram presenças entretanto desaparecidas. Ou, talvez mesmo, presenças que nunca por lá passaram. Um mundo desabitado, quiçá esvaziado mais do que vazio.

Exemplificativo é o quadro intitulado *Fim de Tarde* (2007), que nos revela o vão de uma janela a dar para o mar. Vêem-se as pequenas tábuas em madeira do soalho (chão acabado de encerar, quem ali esteve antes de nós?), as paredes que enquadram o rectângulo aberto sobre o horizonte ao longe, mas falta o essencial, a janela propriamente dita — aqui, não há persianas, cortinas, caixilho, vidraças, ripas, maçanetas. Janela que é espaço em branco, coisa inacabada, vazio sinal de ausência.

Pormenor que, à sua maneira, é já uma conclusão. Sê-lo-á?

Abuxarda, sábado, 1 de Dezembro

Com o tempo, as fissuras alargam-se, as vulnerabilidades acentuam-se, certos nervosismos passam a pavores. Inibições e paralisias, vindas não se sabe de onde.

Enfim, a gente surpreende-se e descobre-se outro, negativo da mesma antiga fotografia, feita de pouca luz e muita sombra.

•

Envelhecer é largar, perder, abandonar, deixar vender, afastar-se, virar a página, é ficar aquém definitivamente, é morrer outra vez, a morte tem isso de inesperado: morre-se muito antes de morrer de vez e, por isso, quando finalmente se morre, já se morreu. É desaparecer sem dar nas vistas, é já não estar, ficar de fora, olhar de longe, estar a mais porque se está a menos. É também, por força das circunstâncias, não estar a par, não intervir, não querer saber. Em suma, perder pé.

A velhice é um muro que sobe lentamente à nossa volta — a princípio, nem se nota — e que nos vai isolando aos poucos até por fim nos tapar a vista por completo. Os outros já não nos vêem e, nós, a eles, também não.

Envelhecer é morrer emparedado.

No fundo, feitas as contas, não há razões para queixas ou queixumes, bate tudo certo: chega-se ao fim com vontade de lá chegar!

•

Gasta-se uma vida inteira a corrigir um erro de trajetória.

2008

Abuxarda, sexta-feira, 4 de Janeiro

Depois do mau tempo dos últimos dias, ainda esta madrugada houve por aí uns borrifos de mar de Inverno, o vento finalmente amainou e o céu já é outro.

E, como sempre, depois destas chuvadas que deixam a terra ensopada à espera de melhores dias, logo as cores readquirem outra tonalidade e os verdes mais verdes ficam...

Isto de saber de jardinagem, ciência que para mal dos meus pecados ignoro,

deve assemelhar-se ao domínio de uma língua estrangeira. Porque é um alargar de horizontes a par de uma constante aprendizagem.

De mais a mais, é uma forma de ir acompanhando o andamento do tempo — e o que é saber viver, senão isso mesmo? — de lhe conhecer por dentro a íntima cronologia. Os dias e os meses por entre pausas e acelerações. A mesma continuidade na mesma renovada diversidade.

No fundo, um modo diferente de estarmos a sós connosco.

Abuxarda, sábado, 19 de Janeiro

Lá se foi de vez o Bobby Fischer, após uma longa errância... Morreu na Islândia que teve a caridade de o acolher, pois que o pobre homem expatriado e perseguido, já não tinha guarida em parte alguma.

Fora enlouquecendo aos poucos como quem lentamente se suicida — regozijando-se em público com o 11 de Setembro, lançando diatribes contra os judeus, conspurcando abertamente o governo americano que acusava de todos os males do mundo. Para o fim, andrajoso e de barbas talmúdicas, lembrava um sem-abrigo.

Fischer foi a última encarnação de um fenómeno que deixou de existir nas nossas sociedades — o do artista maldito.

Destino feito de vidas opostas — a celebridade e o infortúnio; a ascensão e a degenerescência; a admiração e o repúdio. Juntando o génio, imperecível fio de luz, à demência, sua irmã de longa data.

Na perspectiva do tempo decorrido, Fischer nasce e morre no mesmo dia, a 3 de Setembro de 1972, quando em Reiquejavique se consagra campeão do mundo de xadrez. Num ápice, o apogeu e logo o declínio!

Proscrito, acaba no exílio. Póstumo, há tanto tempo.

Abuxarda, segunda-feira, 21 de Janeiro

No Instituto Italiano para o lançamento do livro *Acreditas? Conversas sobre Deus e a Religião* da autoria do italiano António Monda que vive em Nova Iorque há largos anos. A apresentação ficou a cargo da jornalista Aura Miguel, colaboradora da Rádio Renascença.

Entre os cerca de vinte entrevistados, todos americanos, contam-se Paul Auster, Arthur Schlesinger, Saul Bellow, Jane Fonda, Toni Morrison (em meu entender, o melhor testemunho), Martin Scorsese, etc.

Os depoimentos são curtos, quatro a cinco páginas no máximo; as perguntas incisivas, as respostas breves. Aqui, vai-se logo ao âmago da questão, sem

perdas de tempo, à boa maneira americana. Daí o sentimento de abordar o essencial, sem dele depois se descartar.

Das muitas observações, retenho esta do conhecido arquitecto judeu David Libeskind, que se me afigura particularmente feliz: «Convido quem não acredita em Deus a escutar Bach.» (Aliás, o próprio Bach proclamava que a finalidade última da música era a glorificação de Deus).

É um facto que só a grande música — e nela incluo certas melodias de jazz — nos faz vislumbrar a parcela de infinito que, em nós, nos transcende — venha ela de Deus, ou simplesmente do Nada.

•

Impaciências.

Esta minha ânsia de viver que é um desperdício de vida...

•

Solicitar a opinião alheia é tão-só querer obter confirmação à justeza da nossa.

Coimbra, quarta-feira, 14 de Fevereiro

Nos jardins da *Quinta das Lágrimas* uma árvore-da-borracha verdadeiramente imponente, tanto pelo porte como pela ramificação de suas múltiplas raízes, ora presas à terra, ora subterrâneas. Tantas árvores numa só, tantas idades numa vida! Ao lado desta, a nossa de Abuxarda é ainda uma criança que levará muitos e bons anos até se agigantar deste modo. Já cá não estaremos para a ver...

Ah, a memória dos navios e a memória das árvores! Já tudo foi dito sobre o milagre antigo que é esta indecifrável acumulação de tempo das grandes árvores centenárias! Só nos resta admirá-las com a devoção que nos merecem certos monumentos.

Lia, há dias, no último livro de Simon Leys que os índios da costa do Pacífico construía as suas pirogas da madeira de cedros gigantes. Antes, porém, de procederem ao abate da árvore, realizava-se uma cerimónia em jeito de ritual aos pés daquela que fora escolhida a fim de lhe explicar as razões da escolha e de lhe pedir antecipadamente perdão. Eis um elevadíssimo sinal de civilização... Porque o respeito pelo mistério que nos rodeia traduz já uma forma de respeito para conosco. Não acreditar na Natureza — o pior dos ateísmos.

Se me é permitido citar-me: «Chegado à encruzilhada, viu a árvore... e não percebeu que era o terceiro caminho» (*Lembrar de Raízes*).

Abuxarda, sexta-feira, 4 de Abril

A imprensa noticia o concurso de beleza realizado em Luanda em que as concorrentes, todas elas, foram vítimas de minas no terreno. Só têm uma perna. Exibem-se em fato de banho, faixa cruzada sobre o peito, como é de regra, amparadas em canadianas. São dezoito as candidatas correspondendo às dezoito províncias de Angola, Cuanza Sul, Huila, Cunene, Bié, etc.

Augusta Úrica, sorriso aberto e alegria no olhar, foi coroada esta semana *Miss Sobrevivente de Minas Terrestres 2008*, o que lhe confere o direito de adquirir uma nova prótese.

Perante isto, não se sabe o que mais admirar — se o alto exemplo de coragem frente à hedionda desgraça do sofrimento e da mutilação, se a força de vontade destas mulheres em se afirmarem e se quererem vivas!

No fundo, é a mesma expressão de dignidade. E é admirável.

Paris, hotel Kepler, segunda-feira, 12 de Maio

Dias quentes, tempo de Verão.

Sim, são as mulheres e não os monumentos que fazem as cidades!

Pedalando na bicicleta, lá vai ela com a saia ao vento e o vento entrando-lhe pela saia adentro...

Paris, quarta-feira, 14 de Maio

Toda e qualquer fotografia é, por definição, incompleta. Porque sendo parcelar, é parcial. Toda a fotografia é uma opção, um pedaço da realidade extraída ao acaso — evidência ou manipulação? As fotografias têm isso de comum com a História — não existem *de per se*. São apenas factos à espera de interpretação. O que depois fica é o subjectivismo dessa interpretação, a nossa e a dos outros. Vem isto a propósito da exposição de cerca de 200 fotografias a cores de André Zucca (1897-1973), intitulada *Os Parisienses sob a Ocupação Alemã*, que tem suscitado aqui farta polémica a ponto de algumas vozes a terem querido cancelar. André Zucca trabalhou durante a guerra para a versão francesa da revista de propaganda nazi *Signal* e, nessa qualidade, fez inúmeras reportagens sobre a vida quotidiana dos franceses em Paris nesse período.

Inventário disperso: a rua e as suas muitas diversões, as esplanadas cheias de gente no Verão, os quiosques de revistas e jornais, a moda feminina, os cartazes políticos da altura a incitar os jovens a alistarem-se na Legião dos Voluntários Franceses contra o Bolchevismo (LVF), os concertos ao ar livre promovidos

pela Wehrmacht, os desfiles militares com a banda de música à frente, os espectáculos entre cinemas e teatros, as crianças brincando nos jardins do Luxemburgo ou nos lagos do bosque de Bolonha... Um Paris ameno, sorridente, colaborante, em paz consigo mesmo.

Nada nesta série de imagens recorda o reverso sombrio da medalha, a saber, o outro lado da Ocupação: as crescentes restrições alimentares, a obrigatoriedade para os judeus de ostentarem a estrela de David na lapela, as denúncias, detenções, fuzilamentos e deportações, a censura, as ameaças e perigos em que viviam todos aqueles que se recusavam a alinhar com a ordem estabelecida, etc.

A verdade e os seus tempos, a verdade e as suas circunstâncias, a verdade e a sucessiva desigualdade dos seus perfis... Ou as muitas mentiras da verdade fotográfica.

Paris, quinta-feira, 15 de Maio

Pequenos gestos escondidos.

Dentro da loja, o empregado vai vestindo demoradamente, aos poucos, peça a peça, o corpo nu do manequim de madeira...

Abuxarda, quinta-feira, 5 de Junho

«O cheiro do mar já fazia falta...»

Pescador de Matosinhos ao regressar à faina do mar, depois de alguns dias de greve.

Abuxarda, sábado, 7 de Junho

As terras da infelicidade.

Aproximarmo-nos da desgraça é vislumbrar a infinita extensão dela.

•

Francis Bacon: o ódio à condição humana. E a raiva de lhe pertencer.

2009

Abuxarda, domingo, 18 de Janeiro

Hoje, ao ouvir no grande auditório da Gulbenkian, Murray Perahia tocar *A Apassionata* de Beethoven — em meu entender, uma interpretação magistral — lembrei-me daquela famosa reflexão de Lenine para quem esta sonata de Beethoven, pela sua inigualável plenitude, desvalorizava tudo o mais, incluindo a própria ideia de Revolução...

•

O céptico desconfia do niilista.

Abuxarda, sábado, 8 de Agosto

Levado pela admiração, procurei toda a vida imitar o meu Pai. Imita-se mal, porém, o que se não é.

Hoje, sei-me mais parecido com a Mãe, reagindo em muitas circunstâncias como ela o faria.

Aproximei-me de mim.

NOTA

¹ *Oxford Dictionary of Phrase, Saying and Quotation*, Oxford University Press, 2006.